

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”  
AVM FACULDADE INTEGRADA**

**Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia.**

**Por: Guilherme Luis Mascarenhas Figueira**

**Orientadora: Fernanda Canavez**

**Niterói  
2012**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”  
AVM FACULDADE INTEGRADA**

**Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia.**

Apresentação de monografia à AVM Faculdade Integrada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Psicopedagogia.

Por: Guilherme Luis Mascarenhas Figueira

Orientadora: Fernanda Canavez

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os professores que participaram da minha formação profissional até hoje.

## DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai, tia Sheila, meu irmão e, principalmente, a minha companheira Michelle Mattos.

## RESUMO

O trabalho em questão aborda uma temática que é muito pouco trabalhada na formação dos professores de um modo geral: a dislexia.

Para isso, será abordada e debatida a conceituação que envolve esse problema de aprendizagem, principalmente balizado no conceito de inteligências múltiplas de Howard Gardner, onde ele nos transmite que cada ser humano tem seus talentos, cada um é bom em alguma área do conhecimento. Com base nisso, defende-se que o aluno, ao invés de ser rotulado como rebelde, burro ou incapaz, deve ser incentivado a se desenvolver dentro de sua inteligência (nos moldes de Gardner).

Afim de mapear e melhor ilustrar o tema do trabalho, faz-se uma análise do filme “Como estrelas na terra: toda criança é especial”, no qual o personagem principal é um dislético que, após ser diagnosticado por um professor que se interessa por seu caso, tem suas habilidades artísticas desenvolvidas e estimuladas, nos mostrando que suas dificuldades de aprendizagem são contornáveis se o caminho certo for tomado pelo professor.

Por fim, faz-se um estudo sobre o olhar psicopedagógico e as sugestões para que um trabalho seja desenvolvido com um dislético.

## **METODOLOGIA**

O problema proposto surgiu da união entre uma dificuldade de aprendizagem similar apresentada por uma pessoa próxima e o filme analisado neste trabalho. A partir de então, passou-se à leitura de livros e artigos conseguidos através de pesquisa realizada em internet, bibliotecas e bibliografia indicada pelos professores das disciplinas oferecidas pelo curso de psicopedagogia na Instituição AVM. O passo seguinte foi o de elaboração da monografia, de sua redação e resposta ao problema apresentado.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAP. I - Um panorama sobre a dislexia	09
CAP. II - O filme por dentro	20
CAP. III – Olhar psicopedagógico e sugestões de trabalho	29
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	40

## INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem, infelizmente, são problemas recorrentes dentro das instituições de ensino regular e a dislexia é apenas uma dentre tantas apresentadas. Além da dislexia, são bastante comuns o TDAH, o autismo, os distúrbios psicológicos diversos, a dislalia, a discalculia e etc.

Porém, como são tratados esses casos de dificuldades de aprendizagem dentro das escolas na maioria dos casos? E como devem ser tratados, de fato, esses casos? O caso a ser estudado nesta monografia é de um disléxico. Infelizmente, na maioria das vezes esses alunos são tratados com descaso, indiferença, tratados como os demais alunos da classe. No pior dos casos, e não são poucos, eles são rotulados, tratados como alunos rebeldes, relapsos, indisciplinados. O que se defende aqui é que, pautado na teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, os alunos não devem ser rotulados, pois cada pessoa tem seu talento que precisa ser estimulado e desenvolvido.



## CAPÍTULO I

### Um panorama sobre a dislexia

Como e por que determinados seres humanos apresentam acentuada dificuldade no processo de aprendizagem, principalmente de leitura e escrita, é o que os estudiosos da dislexia tentam desvendar com suas pesquisas. Mas ressalta-se que nem por isso esses mesmos indivíduos são menos inteligentes, por vezes são verdadeiros gênios, necessitando apenas de um trabalho mais paciente e diferenciado para que se alcancem os objetivos. Após mais de um século de pesquisas, as tecnologias avançadas nos permitem permear algumas dessas respostas.

Acredita-se que boa parte dessas respostas estejam no entendimento do ser humano como ser plural em si mesmo e singular dentro de uma dada sociedade. O processo de aprendizagem é individual e independente. E justamente por ser individual e independente ele é diferente em cada aluno que compõe uma classe e o professor deve atentar para essa questão para que não inverta seu papel e ao invés de auxiliar, se torne um agravante do distúrbio de aprendizagem de alguém. É preciso estar no mesmo passo, dançando a mesma música. A grande questão é estar dentro de uma discoteca onde tocam 30, 40 músicas diferentes ao mesmo tempo, por isso que o trabalho do professor é árduo. E quando uma dessas músicas leva o título de dislexia os problemas são ainda maiores, pois frequentemente ela é confundida com outras dificuldades de aprendizagem.

A dislexia pode ser definida, a priori, por um distúrbio na leitura, escrita e linguagem, mas essa é uma definição bastante simplória e reducionista, visto que os avançados estudos na questão apontam para uma variedade subdivisões. A IDA (International Dyslexia Association), realizou um comitê em Abril de 1994 que ponderou uma definição um pouco mais elaborada. Segundo a IDA,

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação a idade. Apesar de submetida a instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sócio-cultural e não

possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, freqüentemente incluídas problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar.

É comum ouvirmos, ao se abordar o tema dislexia, a palavra doença. Porém hoje já se sabe que o termo está equivocado, pois se trata de uma dificuldade, um distúrbio de ordem congênita hereditária. Portanto, por se tratar de um distúrbio, ela é passível de um acompanhamento profissional especializado que é capaz de dar ao disléxico ferramentas suficientes para que ele possa ir rompendo as barreiras que o impedem de alcançar seu objetivo: ler.

Como há diferentes níveis de dislexia (leve, moderado e agudo), a duração do acompanhamento profissional não é precisa, podendo atingir até quatro em média. Vale lembrar que tal acompanhamento não visa uma cura, pois não há cura. Trata-se de fornecer meios para que disléxico possa caminhar com as próprias pernas.

Os especialistas definem os tipos de dislexia em formas e quantidades variadas, mas González (1996) chama atenção para o fato que todas elas apontam para a mesma direção: a dislexia de tipo auditivo-linguística com problemas fonológicos proeminentes e que implicariam disfunção do hemisfério esquerdo e a dislexia de tipo visual-perceptiva com problemas visual-espaciais e visual-perceptivos implicando disfunção do hemisfério direito. Não menos incomum é o terceiro tipo de dislexia: a mista que participaria de ambas as alterações.

Defende-se, aqui, que o aluno que possui dificuldades de aprendizagem não pode e não deve ser rotulado, visto que, como já dito antes, ninguém é bom em tudo, ninguém tem facilidade em tudo. Muito pelo contrário, a teoria de Howard Gardner nos dá uma mostra de como diferentes seres humanos possuem diferentes talentos e facilidades no aprendizado de diferentes tarefas. Um exemplo claro está no filme que será analisado no capítulo seguinte, onde um menino disléxico demonstra uma habilidade fantástica no que diz respeito à imaginação e pintura, ou seja, apesar da dificuldade com as letras, sua capacidade inventiva e criativa são reveladas através de seu talento para as artes.

## **1 – As inteligências múltiplas de Howard Gardner**

Todo e qualquer ser humano é dotado de habilidades específicas, ou seja, não se pode ter em mente que um ser humano pode ser bom em tudo o que faz. Por vezes experimentamos dificuldades. É esse tipo de pensamento que muito entrava o diagnóstico da Dislexia, e na maioria das vezes escurece o bom entendimento do que é a dislexia. Um dos maiores estudiosos do assunto, o psicólogo americano Howard Gardner, pesquisador em Harvard, é o autor da teoria das inteligências múltiplas. Em sua teoria, Gardner defende não haver uma inteligência inata que permita ao ser humano o desenvolvimento por igual em qualquer área de atuação. É descartada a visão unitária da inteligência, dando ênfase às inteligências múltiplas.

Em seus estudos, Gardner identificou diferentes habilidades (ou inteligências) nos seres humanos, o que lhes confere habilidades ou aptidões específicas em determinadas áreas de conhecimento mais do que em outras.

Estas inteligências trabalham em harmonia, então sua autonomia pode ser invisível. Mas quando as lentes de observação adequadas são elaboradas, a natureza peculiar de cada inteligência emerge com suficiente (e não raros surpreendente) clareza.

(GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p.7)

### 1.1 – Inteligência linguística.

Essa é, resumidamente, a habilidade com as palavras. O indivíduo portador da inteligência linguística tem facilidade com idiomas, gramática, discursos, fonética, funções da linguagem, percepção de sons e etc.

### 1.2 – Inteligência lógico-matemática.

Esse é um indivíduo de raciocínio sistematizado, padronizado. Facilidade em lógica, símbolos, ciências e matemática. Resumindo, é aquele indivíduo habilidoso com números e problemas matemáticos.

Em *Frames of Mind*, propus a existência de sete inteligências humanas distintas. As duas primeiras - a *linguística* e a *lógico-matemática* - são as que têm sido tipicamente valorizadas nas escolas. A *inteligência linguística* envolve sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender

línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos. Os advogados, os locutores, os escritores e os poetas estão entre as pessoas de inteligência linguística elevada

A *inteligência lógico-matemática* envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. Os matemáticos, os lógicos e os cientistas exploram a inteligência lógico-matemática. (Piaget afirmava estar estudando toda a inteligência, mas creio que ele estava na verdade focalizando a inteligência lógico-matemática.) Ter uma mistura de inteligência linguística com lógico-matemática é sem dúvida uma bênção para os alunos e para qualquer pessoa que precise se submeter regularmente a testes. (GARDNER, Howard. *Inteligência: Um Conceito Reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.56)

### 1.3 – Inteligência musical.

O indivíduo portador da inteligência musical é capaz de, além de perceber, distinguir os sons, possui facilidade no aprendizado de teoria musical, instrumentos, composição, produção e reprodução de sons e peças musicais, identificação de timbres de voz e etc.

### 1.4 – Inteligência espacial.

Comum em artistas plásticos, arquitetos e engenheiros, a inteligência espacial é aquela onde os indivíduos tem domínio sobre formas espaciais que são representadas de diferentes formas após serem compostas de forma abstrata.

### 1.5 – Inteligência cinestésica.

Um indivíduo dito cinestésico é aquele que possui um alto grau de coordenação motora, capaz de desenvolver com destreza atividades esportivas, artes cênicas e, de certa forma, em conjunto com a inteligência musical, facilidade com instrumentos musicais que exigem habilidades motoras com separação de membros, como por exemplo instrumentos de percussão.

As três inteligências seguintes são particularmente notáveis nas artes, embora cada uma possa ser usada de muitas outras maneiras. A *inteligência musical* acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões

musicais. Em minha visão, a inteligência musical tem uma estrutura quase paralela à da inteligência linguística, e não faz sentido científica nem logicamente chamar uma de inteligência (em geral a linguística) e a outra (em geral a musical) de talento. A *inteligência físico-cinestésica* acarreta o potencial de se usar o corpo (como a mão ou a boca) para resolver problemas ou fabricar produtos. Obviamente, os dançarinos, os atores e os atletas põem em primeiro plano a inteligência físico-cinestésica. No entanto esta forma de inteligência é também importante para atesãos, cirurgiões, cientistas, mecânicos e outros profissionais de orientação técnica. A *inteligência espacial* tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço (aqueles usados, por exemplo, por navegadores e pilotos) bem como os padrões de áreas mais confinadas (como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos). (GARDNER, Howard. *Inteligência: Um Conceito Reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 57)

#### 1.6 – Inteligência interpessoal.

Inteligência interpessoal é aquela em que o ser humano demonstra facilidade e desenvoltura no trato em público, nas relações sociais. Comum em políticos, vendedores, professores e etc.

#### 1.7 – Inteligência intrapessoal.

Esse é o indivíduo capaz de realizar com facilidade a autoanálise, fazendo uso de seus próprios sentimentos e de suas características para solucionar problemas pessoais. É capaz de reconhecer suas próprias habilidades e características, formulando uma imagem de si próprio.

Na lista original, as duas últimas inteligências, que chamo de inteligências pessoais, causaram espanto em muita gente. A *inteligência iterpessoal* denota a capacidade de entender intenções, as motivações e os desejos do próximo e, cosequentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, clínicos, líderes religiosos, líderes políticos e atores precisam ter uma inteligência interpessoal aguda. Finalmente, a *inteligência intrapessoal* envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente - incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidades - e de usar estas informações com eficiência para regular a própria vida. (GARDNER, Howard. *Inteligência: Um Conceito Reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. pp.57-58)

Acredita-se ser necessário a utilização da teoria das inteligências múltiplas quando se fala em dislexia, pois comumente os alunos disléxicos são tratados como relapsos, preguiçosos e, por vezes, diagnosticados erroneamente com outros distúrbios por apresentarem dificuldades acentuadas no processo de aprendizagem. Porém, sabe-se que somente a teoria das inteligências múltiplas não é suficiente para fechar o diagnóstico da dislexia.

Porém, o que é a dislexia? Segundo Condemarín e Blomquist,

Entendemos pela expressão *dislexia específica*, ou *dislexia de evolução*, um conjunto de sintomas reveladores de uma disfunção parietal ou parietal occipital, geralmente hereditária, ou as vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se estende do sintoma leve ao severo. A dislexia é frequentemente acompanhada de transtornos na aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação. [...]

O termo *dislexia* é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual lêem os seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada.

(CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. Porto Alegre: Artmed, 1986. p.21)

Após anos e anos de estudos, ainda não se tem uma resposta conclusiva para essa pergunta. Essa peculiar dificuldade no aprendizado já levou vários nomes, já recebeu várias origens, mas nenhuma delas é aceita unanimemente pela comunidade médica e educacional. Porém, algumas sinalizações começam a aparecer através de pesquisas realizadas pela área da saúde e da educação.

A primeira opção é a de que o disléxico tem maior potencial em outras áreas do conhecimento, o que nos levaria a teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. Seguindo essa linha, os disléxicos possuem maior aptidão em áreas como as artes (como no personagem do filme que será trabalhado no próximo capítulo), esportes e criatividade, visto que possuem um acentuado desenvolvimento do hemisfério lateral-direito do cérebro, diferente dos não disléxicos.

Uma segunda opção é a de que a dislexia é uma disfunção neurológica, com fatores genéticos, visto que é comum que casos se repitam dentro de uma família. A hereditariedade se dá pelo fato de a dislexia ser transmitida por uma ramificação do 6º cromossomo.

Uma terceira opção diz que o disléxico não é dotado de consciência fonológica, ou seja, o indivíduo não consegue associar a letra ao som que ela reproduz, fazendo com que o processo de aprendizagem da leitura se torne sem sentido. Isso justificaria o não aprendido.

Uma quarta opção diz que os disléxicos apresentam graves dificuldades em atividades motoras básicas, como amarrar o cadarço de um sapato e problemas com lateralidade (distinção entre direita e esquerda), mesmo que esse indivíduo desenvolva funções teoricamente muito mais complexas do que essa.

E uma última opção, que diz que o disléxico possui dificuldade no processo de transição visual, ou seja, no instante em que troca de sílaba, de palavra ou de linha, o disléxico não consegue enxergar as letras, elas ficam borradas. É o caso do personagem do filme a ser discutido no próximo capítulo, onde o menino vê as letras “dançarem e voarem” no papel diante de seus olhos.

Diante dessa variedade de informações, nada mais natural que a dislexia seja constantemente confundida com outras dificuldades de aprendizado, com algumas doenças e, até mesmo, com relaxamento, preguiça e passividade do aluno frente à dificuldade. Somando-se isso à falta de orientação dos professores sobre o problema, muitas crianças acabam por viver em uma espécie de prisão mental e condenadas ao rótulo, fadadas ao fracasso.

Hoje, os mais abrangentes e sérios estudos a respeito desse assunto, registram 20% da população americana como disléxica, com a observação adicional: "existem muitos disléxicos não diagnosticados em nosso país". Para sublinhar, de cada 10 alunos em sala de aula, dois são disléxicos, com algum grau significativo de dificuldades. Graus leves, embora importantes, não costumam sequer ser considerados. ([www.dislexia.com.br](http://www.dislexia.com.br))

## **2 – Etimologia do termo Dislexia**

Acredita-se que parte das dificuldades existentes em se decifrar a dislexia venha da origem do termo. De acordo com a etimologia, a palavra dislexia é de origem latina, sendo separada em duas: *dys* = dificuldade, *lexia* = palavra. Porém, quando se faz a

análise de sentido com base na derivação grega da palavra é que os problemas interpretativos realmente aparecem, visto que seus significados são bem menos simplistas que a significação latina. Na origem grega, o prefixo *dys* não significa somente dificuldade, mas sim uma disfunção, algo que se dá de maneira imperfeita. Por sua vez, *lexia* significa, de forma bastante abrangente, não somente palavra, mas sim linguagem. Ou seja, dislexia não significa somente dificuldade com as palavras, mas significa uma disfunção linguística. Por isso, defende-se que a dislexia não é, simplesmente, uma dificuldade de aprendizagem, mas sim uma disfunção de cunho linguístico. O dislético não tem dificuldade de aprender as letras, possui dificuldade em identificar e organizar esses símbolos, ou seja, como ele vai ler se aqueles símbolos não lhe dizem absolutamente nada?

Aos que se deparam com um aluno dislético, não se pode perder de vista que sua dificuldade não tem nenhuma relação com desmotivação, falta de esforço, vontade ou interesse, nem sequer possui relação com qualquer deficiência sensorial. O dislético possui dificuldade, em leitura e escrita, soletrações e etc. O dislético é uma mente que por vezes supera os ditos “normais”, sendo que necessitam de um tratamento diferenciado, pois suas mentes trabalham de forma diferenciada. Trabalhando de maneira correta, os disléticos funcionam, também, perfeitamente.

### **3 – Algumas formas de dislexia**

A dislexia tem como principal sintoma a dificuldade linguística, ou seja, dificuldade na aprendizagem das letras, na soletração, na escrita e em outras formas de expressão. A isso se dá o nome de disgrafia, mas outras dificuldades no aprendizado estão intimamente ligadas ao distúrbio da dislexia, como por exemplo, a discalculia, o déficit de atenção e a hiperatividade.

#### **3.1 – Disgrafia**

Como já foi dito anteriormente, a disgrafia é a dificuldade no aprendizado da linguagem que afeta a leitura, a escrita e, por vezes, a comunicação. Porém, alguns disléticos tem sua dificuldade de escrita agravada por problemas de coordenação



psicomotora, afetando o traçado de letras e números. Destaca-se que essa dificuldade não é comum a todos os disléxicos. É bastante comum que os disléxicos disgráficos troquem a ordem das letras, as escrevam ao contrário, escrevam sílabas ao contrário ou simplesmente omitam letras e/ou sílabas. Há também os que escrevam com letras ilegíveis ou quase ilegíveis, letras borradas, que não conseguem seguir a linha no caderno. Apesar de haver distinção entre disgrafia e discalculia, disgráficos, por vezes, apresentam problemas com matemática.

Os disgráficos geralmente apresentam dificuldade com a lateralidade (noção de direita e esquerda), que aliada às dificuldades psicomotoras refletem em funções básicas como um simples caminhar e reconhecimento da mão dominante para a escrita. Nesse segundo caso, podemos observar que eles passam a escrever com muita força, não conseguem posicionar a mão para a escrita, se atrapalham no trocar de linha e tentam reposicionar o corpo com o intuito de melhorar o foco da visão na tentativa de desenhaçar as letras. Por conta, ainda, da dificuldade psicomotora e da lateralidade, as crianças menores são atrasadas para caminhar, andar de bicicleta, amarrar sapatos e práticas que exijam coordenação motora fina.

### 3.2 – Discalculia

Como o próprio nome diz, a discalculia é a dificuldade com cálculos, ou mais precisamente, a dificuldade de aprendizado da linguagem matemática, seus símbolos e sinais, porém não se tem uma origem certa para o problema. Seu portador apresenta dificuldades em aprender a sequência de problemas matemáticos, sua visão espacial é comprometida, além de apresentar alguns problemas de memória. Problemas de classificação também podem acontecer, como distinção entre mais alto e mais baixo, duração de tempo e ordem sequenciada.

Um fato extremamente importante não pode ser deixado de lado nesta discussão. Os disléxicos frequentemente são capazes de realizar questões matemáticas complexas com facilidade. A primeira vista isso pode parecer contraditório, mas não é. O portador da discalculia, com frequência, resolvem problemas matemáticos usando somente a mente, mas não conseguem realiza-los passo a passo, por etapas. Curiosamente, apesar

dessa capacidade singular, não conseguem realizar operações matemáticas básicas. Porém, esse dom pode ser ofuscado pela sua falta direcionalidade e memorização de sequências.

### 3.3 – Hiperatividade

O hiperativo é aquele indivíduo que possui uma enorme dificuldade de concentração, de manter o foco em uma atividade determinada, está sempre agitado, “elétrico”. É comum que os sintomas da hiperatividade sejam confundidos com uma simples ansiedade.

Assim como todos os tipos de dislexia, a hiperatividade é confundida, frequentemente, com rebeldia, desleixo, relaxamento frente aos problemas de aprendizagem. Porém, assim como todos os tipos de dislexia, a hiperatividade é um distúrbio de base neurológica, orgânica, logo independe da vontade de seu portador.

Os hiperativos, por conta da impossibilidade de conter seu corpo, seus movimentos, se vê estigmatizado pelos outros, o que de certo modo vai minando sua auto-estima, chegando ao ponto de ele próprio se convencer de que é relaxado, desleixado, rebelde e etc. Por conta de sua incapacidade em manter o foco em suas atividades, os hiperativos apresentam dificuldade de aprendizagem, fazendo com que sejam rotulados. Há casos em que crianças hiperativas são desprezadas por colegas de turma em trabalhos de grupo, provas e etc.

Por fim, classifica-se a hiperatividade em dois tipos. Um primeiro tipo onde o hiperativo é agitado, impulsivo, não mede as consequências de seus atos a tempo de impedi-los. E um segundo tipo em que o hiperativo não consegue manter o foco em nada, mas não que ele não consiga prestar atenção em nada, é justamente o contrário. Ele presta atenção em tudo e não consegue selecionar uma coisa por vez para se focar. Todos os estímulos exteriores lhes são caros. A primeira impressão é de desatenção, mas na verdade é excesso de atenção.

### 3.4 – Déficit de atenção

Esse sim é o indivíduo que não presta atenção em nada, não consegue focar sua atenção, os estímulos exteriores não lhe atraem. Como eles têm dificuldade na captação dos estímulos exteriores, não focam a atenção, e como não focam atenção têm seu processo de aprendizagem bastante prejudicado. Como seu expoente é a atenção, esse distúrbio é comumente chamado de DDA (distúrbio de déficit de atenção).

A grande dificuldade em se concentrar os transforma em pessoas confusas, instáveis, de difícil compreensão. Há dias em que estão bem, conseguem responder aos estímulos, tiram notas boas, e prestam, mesmo que minimamente, atenção nas tarefas, mas em outra ocasião essas mesmas tarefas são complicadas, não prestam atenção, não se concentram e tiram notas baixas. Essa inconstância confunde não só o DDA, mas também todos à sua volta.

Os rótulos de relaxado, desatento, preguiçoso e muitos outros também são comuns aos DDAs e são frutos da desinformação de que os rotula. Resumindo, nenhum disléxico pode ser rotulado de forma pejorativa, visto que seu problema tem base neurológica, é orgânico, independe de sua vontade. A rotulação de todos esses distúrbios são frutos da desinformação dos pais e familiares e da falta de preparo dos professores e outros membros da escola.

## **CAPÍTULO II**

### **O filme por dentro**

#### **1 – Ficha técnica**

Considerado uma obra prima do indiano Aamir Khan, do ano de 2007, o drama “Como estrelas na terra: toda criança é especial” (*Taare Zamen Par*) aborda um tema complexo: a dislexia e seus desdobramentos. A história aborda o menino Ishaan, que por conta de suas inúmeras notas baixas e comportamento insatisfatório perante as rígidas regras de seu pai e de sua sociedade, passa a ser rotulado como aluno rebelde, que se recusa a aprender e por vezes é humilhado frente aos demais colegas de classe. Após muito sofrimento encontra o professor Nikumbh, que o compreende e o auxilia por ser também um dislético. Para Ishaan foi a salvação, mas muitos disléticos não têm a mesma sorte.

#### **2- O filme**

Logo de início, o filme já traz a professora da classe de Ishaan lendo as notas em voz alta para que todos ouçam. Obviamente, as notas de Ishaan Awasthi são pífias. O primeiro questionamento a ser feito é a real necessidade das notas serem lidas para toda a classe, visto que entende-se não haver a necessidade disso. Tal postura rotula o aluno frente aos demais colegas de classe e o expõe inapropriadamente.

Ishaan, na maioria das vezes se mostra um menino solitário, brinca sozinho, as pessoas zombam dele, o tratam como deficiente mental, sempre à margem dos demais. Apesar de tudo se mostra um menino feliz, brincalhão (quando sozinho), sonhador, mas um pouco desobediente também. Porém, como se sabe, a desobediência do dislético vem de sua incapacidade de processar seguidas ordens, sendo necessário uma ordem apenas por vez. Com isso, acaba por mesclar momentos de raiva e felicidade.

Quando Ishaan chega em casa é cobrado pela por suas notas, afinal era dia de entrega de boletins. Como método de defesa, Ishaan a ignora. Logo após, seu irmão Yohan chega em casa dizendo que foi o primeiro em todas as disciplinas, o que agrava ainda mais a situação de Ishaan, afinal como explicar suas notas tendo o irmão mais

velho como o melhor aluno do colégio. Apesar da idade diferente e das notas discrepantes, Ishaan e o irmão são amigos trocam elogios constantemente. Yohan pelas notas e pela habilidade no Tênis e Ishaan por seus desenhos e pinturas.

Na cena seguinte, enquanto os colegas brincam de bola, Ishaan brinca sozinho com seu cachorro. A bola cai perto dele e ao simplesmente tentar devolver a bola a seus colegas, o garoto atira-a na casa do vizinho. Por conta disso Ishaan é chamado de idiota e agredido e mesmo sendo vítima nessa história, Ishaan é repreendido pelo pai e é seu agressor que sai como vítima. Certamente pelo acúmulo de reclamações devido ao seu comportamento diferente, ele é rotulado como rebelde e sua versão dos fatos nunca sequer é ouvida. Ishaan sente raiva por isso. No momento de raiva e reprimendas seu pai diz: *“Já chega! Todo dia reclamações da escola, dos vizinhos... é só sair de casa para aparecer uma nova reclamação. Se ouvir outra reclamação de você eu vou te mandar para um colégio interno” (16 minutos)*. O pai briga com a mãe de Ishaan por mimar o menino, mas na realidade nem mesmo a mãe o escuta.

É interessante perceber a autoestima baixa e o sentimento de culpa apresentada por pessoas com as dificuldades do menino protagonista. Um exemplo clássico se mostra quando Ishaan vê o pai arrumando uma mala para viajar e pergunta aonde ele vai. O pai responde que se vai para sempre. O menino chora desesperado, pede desculpas ao pai, diz que não vai repetir o mau comportamento. Ou seja, mesmo sem o pai afirmar isso, o menino acredita que seu comportamento é causa de desgosto ao pai e motivo de sua partida, quando na verdade o pai irá, simplesmente, viajar à trabalho.

Outro comportamento típico é a falta de vontade de ir para a escola. Como sempre, Ishaan demora a se levantar para o colégio e obriga sua mãe a correr para que ele não se atrase. Esse comportamento se deve ao fato de Ishaan não gostar da escola, a escola não é um espaço que lhe traz estímulos positivos, que lhe desperte desejos, vontades. Nem poderia ser, visto que também é o espaço onde ele é tratado com desdém, tratado com burro, retardado, problemático, enfim, espaço onde ele é rotulado indiscriminadamente.

Dentro de sala de aula Ishaan está sempre “no mundo da lua”, não prestando atenção em nada. Qualquer outro estímulo lhe é mais caro do ouvir a professora. Perfeitamente compreensível se levarmos em conta que nada do que é dito ele consegue

compreender, principalmente porque vem de uma pessoa que não lhe tem afeto algum e não tem paciência para compreender o seu ritmo diferenciado de aprendizagem. Ishaan é sempre tratado como relapso, preguiçoso e rebelde. Apesar do filme se passar na Índia, é perfeitamente aplicável à realidade de muitas escolas brasileiras.

A exposição desse tipo de aluno também acontece de maneira bastante recorrente. A professora pede que ele se levante, leia um trecho do livro e destaque os adjetivos. Para quê? Ela sabe que mal sabe ler, para que pede que se levante, leia e ainda destaque adjetivos? Qual a finalidade deste procedimento? É o despreparo dos corpo docente nestes casos se fazendo visível. Ishaan não consegue nem ler o trecho determinado, muito menos destacar os adjetivos, alegando, para risos dos colegas de classe e indignação da professora, que as letras estavam dançando no papel, impedindo sua leitura. Ishaan apresenta um caso típico de disortografia. O caso das letras dançantes é um dos mais comuns entre os disléxicos disortográficos. Caso houvesse um melhor preparo dos professores, Ishaan (e qualquer outro caso) seria encaminhado para uma avaliação psicopedagógica diante de tal afirmação. Ao invés disso, ele é expulso da sala de aula.

Em outra cena, o menino passa novamente por exposição ao ridículo. Ele é questionado por outro colega de classe se fez o dever de matemática e se trouxe as provas assinadas. Ele não responde e é seguido por um coro composto por toda a classe: *“Sim, está ferrado !!!” (26:50min)*. Ishaan sai de cabeça baixa, envergonhado. Não se pode culpar a classe por um comportamento ofensivo desses quando os próprios professores fazem o mesmo.

Nos poucos momentos em que Ishaan é elogiado isso se dá através de seu irmão Yohan, geralmente quando o menino está entretido em seus desenhos e pinturas. Nisso ele se destaca, realiza trabalhos com destreza singular. De acordo com a teoria de Howard Gardner exposta no capítulo um, Ishaan é um misto das inteligências físico-cinestésica e espacial. É sempre importante destacar que este trabalho defende que todos possuem dificuldades e talentos, embora uns mais outros menos. Ninguém tem facilidade em tudo. Ishaan tem dificuldade com letras, mas é um artista nato.

Outro sintoma apresentado pelo menino é a troca de letras, sintoma bastante comum entre os disléxicos. Este sinal se mostra claro quando a mãe resolve olhar os

cadernos do menino. Por falta de orientação, a mãe o repreende por trocar “t” por “d”, escrever “meas” no lugar de “mesa” e etc. Aí vem a clássica ameaça que não surte efeito algum: *“Já chega de brincadeiras. Você vai repetir outra vez. Todos os seus amigos vão passar de ano. Você vai gostar que isso aconteça? Concentre-se!”* (35 minutos). Ao ver o caderno de Ishaan todo marcado de vermelho a mãe, por total falta de orientação da escola, repreende o menino como se ele fosse um rebelde, um relaxado, mas não é o caso. Mas como a escola pode orientar uma mãe se nem mesmo a escola está apta a trabalhar com este tipo de alunado.

Durante um teste de matemática, Ishaan não consegue solucionar nenhuma das questões e fica perdido em pensamentos. Novamente um dos sintomas aparece. Os números e letras da folha começam a se mover pela folha, como se dançassem, e de repente Ishaan começa a fantasiar, criar uma história na sua cabeça unindo os desenhos formados pelos símbolos dançantes da prova de matemática. O sintoma das letras dançantes é bem claro, mas se olharmos o lado positivo, Ishaan tem uma capacidade inventiva brilhante. É lamentável que isso não seja aproveitado.

Quando o pai de Ishaan retorna de sua viagem, ele vai junto com a esposa a uma reunião com a direção do colégio e duas professoras para conversar sobre o filho e constatam que ele continua a não melhorar o rendimento, a não aprender. Uma das professoras chega a dizer que os livros são seus inimigos e que Ishaan repete seus erros de propósito, o que mostra o total despreparo do quadro docente. Como sempre, a culpa é só do aluno. Enfatiza-se, mais uma vez, que o ensino tradicional no seu extremo e a falta de preparo dos professores faz com que o problema latente de Ishaan seja compreendido como rebeldia e preguiça quando na verdade se trata de uma dificuldade de aprendizagem, oriunda de um problema orgânico. Para piorar a situação, uma das professoras ainda o compara com seu irmão Yohan, o que claramente entristeceu Ishaan: *“Ninguém vai acreditar que é irmão de Yohan”*. (45 minutos)

Enquanto isso, o interesse e o vínculo de Ishaan com a escola vai sendo minado pela inabilidade de seu corpo docente, coordenação e direção. O mais lamentável é que esse problema é mais comum do que se imagina. E, para sacramentar a incapacidade da escola com casos especiais, a diretora convida Ishaan a deixar a sua escola e sugere que

ele seja colocado em uma escola para especiais. É uma triste realidade na educação em tempos atuais.

A solução encontrada pelo pai Ishaan foi colocá-lo em colégio interno sob o pretexto de que lá vão discipliná-lo e darão um jeito nele. O único a não sofrer com a decisão é o pai. Ishaan, Yohan e a mãe não concordam, mas convencem o duro pai da decisão. Mas, como diz o ditado, há males que vem para o bem, e é justamente nesse novo colégio que Ishaan irá encontrar, a muito custo, um alento.

Ishaan chega ao colégio interno e a recepção é, mais uma vez, decepcionante. O menino já chega levando uma bronca do diretor pelo fato de seu pai afirmar que ele é teimoso. O diretor enfatiza que em sua instituição a regra principal é a disciplina e, para o espanto de qualquer psicopedagogo ele diz: “já domamos os cavalos mais selvagens” (51min).

No primeiro dia de aula na nova escola os mesmos casos se repetem. O professor coloca Ishaan para se sentar do lado de um menino chamado Rajan sob o pretexto de que ele era o melhor aluno da classe e que sua companhia lhe faria muito bem. Ou seja, já no primeiro dia Ishaan é novamente rotulado.

A segunda aula de Ishaan é a de artes, mas nem por isso menos sofrível para ele. A aula é extremamente tradicional, pouco estimulante e os alunos não tem oportunidade de se expressar, apenas reproduzem os trabalhos propostos pelo professor. O resultado foi a dispersão total de Ishaan. A aula que teria o maior potencial para estimular Ishaan é um fracasso total. A aula de gramática tem um professor que explica um conteúdo complexo em alta velocidade onde até mesmo adultos sem nenhuma dificuldade de aprendizagem não compreenderiam. Outro fracasso de Ishaan. Mas de quem é a culpa neste caso?

Os resultados de Ishaan continuam ruins, ele está sempre de castigo, ridicularizado por todos. Sofrendo ele se recusa a receber a visita da família nesse final de semana. Obviamente, o tratamento dado pelo pai não surtiu efeito algum. O único a demonstrar alguma preocupação com Ishaan é seu amigo Rajan, que comunica Ishaan a substituição temporária do professor de artes, argumento que o convence a não matar aula. A partir deste momento é que Ishaan começa a ter seu destino mudado.



Toda turma se assusta com o estilo ousado do novo professor de artes, que ao contrário do arbitrário professor que ele substituiu, é descontraído, animado, entra na sala de aula animado e tocando flauta, divertindo seus alunos. Uma entrada triunfante, mas que não estimula Ishaan, que não entra na brincadeira provavelmente pelo trauma causado pela figura dos demais professores. O novo professor entrega uma folha pra cada um e pede para que desenhe o que desejarem, mais o hábito mecanizado de apenas reproduzirem uma figura específica os deixa confusos. Para o espanto do professor um dos alunos afirma que não sabe oque pintar, pois afirma que não há nada em sua mesa. O professor, então, enfatiza que estão livres para pintarem oque desejarem. A resposta dada pelo professor é o estímulo que Ishaan esperava durante toda sua vida.

“Esta mesa é pequena demais perto de sua imaginação. Olhem em sua mente, peguem uma imagem e cole-a no papel! Divirtam-se, agora estão livres.” (1:17:54h)

O estímulo aos alunos deveria ser um comportamento comum a todos os professores. Eles devem despertar, aguçar a curiosidade e o desejo de aprender de seus alunos, desenvolver espírito crítico, cidadão, capaz de tomar decisões e avalia-las sozinhos. Porém o comportamento de forjar alunos mecanizados e reprodutores de conhecimento é mais comum do que se imagina. A mente de Ishaan, obviamente, não compreende comportamentos mecanizados. A mente de Ishaan é criativa e imaginativa.

Ishaan volta a se sentir rejeitado pela família quando, após um telefonema da mãe ele descobre que não assistirá a final de tênis de seu irmão Yohan junto com a família. Dentro de sua cabeça, é como se ele não fosse mais parte dela, apesar das palavras de Yohan dizendo que sentirá sua falta torcendo por ele. Yohan é o melhor da classe e está na final do torneio de tênis enquanto Ishaan só trás problemas. É natural que Ishaan sinta-se um peso.

O professor de artes sente-se bastante incomodado na sala dos professores com o tratamento dado pelos seus colegas às crianças. Ele foi questionado até mesmo por querer guardar a pintura dos alunos, pois de acordo com seus colegas elas não servem para nada. Também foi questionado por seu método, já que os alunos daquela escola não são como seus outros alunos (o professor de artes também ministra aulas em uma escola especial). Os professores chamam os alunos especiais de Nikumbh de retardados e sem futuro além de classificar seu método como experiências. Nikumbh fica horrorizado e

debocha, se levantando e fazendo saudação nazista, de braço direito erguido e dizendo “Heil Hitler!”, numa clara crítica ao autoritarismo mecanizado de seus colegas. Novamente reitera-se que se faz necessário desenvolver nos alunos espírito crítico e cidadão, e não meros reprodutores de conhecimentos decorados.

Nikumbh se compadece ao perceber que há algo de errado com o menino Ishaan e então resolve perguntar ao seu amigo Rajan que consegue ver mais além que seus professores. Pode até não saber do que se trata, mas identificou algum problema em Ishaan e não o trata como relapso, rebelde ou retardado. Sua resposta ao professor Nikumbh foi: “ele tem problemas, por mais que tente não consegue ler ou escrever. Ele sempre leva punições. Seus livros estão cheios de correções em vermelho. O que se pode fazer?” (1:26:00h)

Na mesma hora Nikumbh vai a sala dos professores e analisa todos os cadernos de Ishaan. Ele percebe os sintomas de Ishaan. Palavras faltando letras, letras e números invertidos, palavras escritas como se pronuncia e etc. Finalmente alguém percebeu o problema de Ishaan. Depois de anos sendo rotulado, sendo reprovado, trocando de escola, sendo ridicularizado, finalmente alguém identificou o problema.

Desesperado por ajudar Ishaan, Nikumbh resolve ir até sua casa e conversar com sua família. Ele pede os cadernos antigos de Ishaan, analisa-os, e constata os mesmos erros. De um dos cadernos cai um desenho de Ishaan e Nikumbh se espanta, e então a mãe o mostra seu quarto. O talento do menino é constatado pelo professor, que vê a necessidade de explorá-lo. Cada um tem seu talento e o de Ishaan estava claro. A gota d’água para Nikumbh foi um desenho que mostra Ishaan, aos poucos se afastando da família.

Chega então o momento de passar para a família o diagnóstico de Ishaan. Nikumbh explica aos pais que o menino sofre de um problema chamado Dislexia, que não consegue entender o significado das palavras, sua escrita, pode desenvolver dificuldades simples como abotoar camisas, amarrar sapatos e segurar uma bola, arremessada em sua direção e etc. Nikumbh mostra o padrão dos erros de Ishaan, o que demonstra o problema. Porém o pai acha que o filho é ardiloso, rebelde, sem atitude. Nikumbh ainda tenta, em vão, convencer os pais de que o tratamento dado a Ishaan, está errado, de que ele está sofrendo e até mesmo que a pintura está sendo deixada de lado,

mas a preocupação do pai é em como Ishaan vai vencer na vida e em como vai competir.

Em conversa com outra professora do colégio especial em que trabalha Nikumbh diz: “Nesta corrida desesperada alimentam cavalos de competição, não crianças. Forçar crianças a carregar o fardo de suas ambições é pior que trabalho infantil. E se a criança não puder carregar o fardo? Quando eles irão entender? Toda criança é diferente. Cedo ou tarde irão aprender. Cada um em seu ritmo. Cinco dedos diferentes formam uma mão.” (1:46:00h) As palavras acima citadas, ditas pelo professor Nikumbh, expressam claramente o que esse trabalho defende, pautado na teoria de Howard Gardner.

O professor, atento ao problema e certo de que tem que fazer algo pelo menino, resolve agir. Na aula que se segue decide contar ao menino Ishaan qual o seu problema e se unir a ele na luta para vencer os seus obstáculos. Mas de que forma abordar um aluno que vê nos professores em geral a figura do inimigo número um, aquele que só se dirige a ele com rótulos e ofensas? Entra em ação o papel da afetividade nessa história. O professor aborda o aluno com calma, com cautela, demonstrando que muitos outros com o mesmo problema dele são famosos e renomados em suas profissões. Isso tudo sem dizer ao menino diretamente o seu problema, apenas citando sintomas e deixando que o menino desvende sozinho os mistérios em questão, em plena sala de aula, durante a aula de artes. Entre os exemplos desses grandes profissionais disléxicos citados pelo professor em sua aula estão Albert Einstein, Leonardo Da Vinci, Thomas Edison, Pablo Picasso, Walt Disney, Neil Diamond e Agatha Christie. Acrescenta-se ainda Tom Cruise, Woopy Goldberg, Robin Willams, John Kennedy, Antony Hopkins, Charles Darwin, Graham Bell, Woodrow Wilson e Winston Churchill. Ishaan fica surpreso, feliz, esperançoso, ainda mais depois que, em particular, Nikumbh diz: “Sabia que há um nome que eu não disse. Talvez porque ele não é assim tão famoso. Mas seu problema é igual. Seu nome é Ram Shankar Nikumbh.” (1:55:00h).

O professor havia apresentado os mesmos problemas de aprendizado do menino Ishaan, sofreu com os mesmos rótulos, as mesmas notas ruins, mas apesar de tudo havia se tornado professor. Nikumbh então não conseguiria assistir o sofrimento do seu aluno e não ajuda-lo. A iniciativa desse professor salvou um aluno, mas quantos alunos mais

continuam a ser perseguidos e rotulados por total despreparo dos professores e da escola em atendê-los. Infelizmente a resposta não é boa e muitos alunos vivem essa situação.

Nikumbh, então passa a trabalhar com esse aluno em separado, fazendo exercícios de grafia, matemática, lógica, lateralidade e, principalmente, pintura, valorizando o talento do menino. Apedido do professor, o diretor da escola concede uma autorização especial para que Ishaan seja avaliado oralmente até que seus exercícios comecem a surtir efeito. O crescimento de Ishaan é visível e o desenvolvimento contínuo.

Por fim, para que o desenvolvimento de Ishaan seja consolidado, o professor Nkumbh promoveu um concurso de pintura dentro da escola que englobou não somente os alunos, mas também os professores e até mesmo o diretor. O evento foi um sucesso de adesão. No fim, o diretor anunciou que o vencedor teria sua obra exposta do anuário do colégio, mas duas obras haviam empatado, Nikumbh e Ishaan. Ishaan acabou levando o prêmio e se emocionado muito ao ver que o professor havia feito um retrato seu. Finalmente Ishaan havia se tornado motivo de orgulho e tinha o afeto de um professor. Ao final do ano, Ishaan teve sua obra exposta na capa do anuário e seu retrato (feito por Nikumbh) na contra capa.

Com o final do ano chega a hora dos professores entregarem os resultados aos pais. O pai de Ishaan, que sempre o rotulou teve uma surpresa ao ver que o filho foi elogiado por todos os professores, era querido por todos os colegas, suas notas eram boas e ele havia passado de ano. Aos prantos, ele pede desculpas ao professor Nikumbh, se sente culpado e agradece ao professor pelo trabalho realizado com seu filho.

Algumas questões ficam para serem pensadas: é certo que o pai de Ishaan se sintia culpado? Se os profissionais da educação não perceberam o problema do filho dele, por que ele deveria saber disso. Se Ishaan tivesse sido diagnosticado ainda na primeira escola teria passado por tanto sofrimento? Bastou que um professor preparado e interessado por seu aluno se dedicasse e desse a atenção que ele precisava para que Ishaan recuperasse a alegria, o gosto pela escola e enfim se desenvolvesse nos estudos.

## **CAPÍTULO III**

### **Olhar psicopedagógico e sugestões de trabalho**

#### **1 - Avaliação e Intervenção psicopedagógica**

Qual é o principal objetivo da psicopedagogia? Para responder tal pergunta não se pode perder de vista uma análise de cunho semântico do termo. Como o próprio nome diz, psicopedagogia é a união entre dois renomados campos da ciência: Psicologia e Pedagogia. Mais precisamente é a união entre essas duas ciências visando a investigação do processo de aprendizagem do ser humano para, passado o momento de análise, intervir com o intuito de corrigir as falhas do processo referido.

O psicopedagogo assemelha-se a um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta fundamental é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, valendo-se desta investigação, entender a constituição da dificuldade de aprendizagem.

A primeira fase da ação do profissional da área, o psicopedagogo, é fazer a análise do caso, ou seja, pesquisar as possíveis causas da falha no processo de aprendizagem a partir de uma queixa dada. A análise pode ser de modo fixista ou transformadora. A primeira é aquela tem o sujeito como foco do processo, já a segunda enxerga o sujeito inserido em complexo de relações interpessoais e com o meio.

Como se dá o processo de aprendizagem da queixa em questão? Essa é uma pergunta que, sob hipótese alguma não pode ser desprezada pelo psicopedagogo, visto que não necessariamente a causa da falha está no aluno. A causa pode sim estar no aluno, mas também pode estar no professor, no método de ensino empregado pelo professor, no método da escola e etc. Identificando a falha no aluno, ainda tem-se que analisar se o problema é afetivo, social, cognitivo ou sensório-motor, podendo, em alguns casos, ser mais de um destes ao mesmo tempo. O psicopedagogo deve estar atento a isso.

Como se dá o processo de análise da queixa? Maria Lucia Weiss e Jorge Visca respondem a essa pergunta. Para ela, é de vital importância que se faça uma investigação sobre as relações familiares, entrevista com membros da família, análise da história de vida escolar e pessoal, análise de suas relações interpessoais com membros envolvidos na vida escolar (professores, colegas de classe, inspetores e etc.), enfim, uma série de informações que possam, de algum modo, esclarecer uma possível causa para a dificuldade apresentada pelo aluno presente na queixa. Resumindo, o passo a passo seria Anamnese, processo de testagens e provas, emissão de laudo e verbalização desse laudo à família e ao aluno. Visca, por sua vez, estabelece esse passo através da EOCA (Entrevista Operatória Centrada na Aprendizagem), processo de testagens e provas, Anamnese, realização de uma espécie de informativo psicopedagógico e, por fim, verbalização à família e ao aluno.

No eixo horizontal explora-se basicamente o campo presente, onde a busca está centrada nas causas que coexistem temporalmente com o sintoma. Nesse nível é que se realiza a contextualização que permite clarificar a inclinação do desvio existente nesse “aqui e agora”. Nesse momento utilizam-se instrumentos como: E F E S, E.O.C.A, sessões lúdicas (criança), Testes diversos, Provas Operatórias de Piaget, entrevistas com a escola, com outros profissionais e com o próprio paciente (adolescentes ou adultos), análise da produção do sujeito extra-consultório (material escolar, desenhos, construções, escritas, etc.).

No eixo vertical, histórico, é onde se busca construção geral do indivíduo, sempre contextualizada nos diferentes momentos. Nesse nível são usadas entrevistas diversas de anamnese com a família, com a escola, com outros profissionais, análise de documentos como laudos, relatórios escolares, registros, álbuns fotográficos e da vida do bebê. Nesse nível, recortam-se diferentes “histórias” que se integram na grande história do paciente: história escolar, história clínica, história das primeiras aprendizagens, história da família nuclear (pais e irmãos), história dos ancestrais (das famílias paternas e maternas).

O que se entende por intervenção? A princípio trata-se da interferência de um profissional, psicopedagogo ou educador, quando, a partir de uma queixa apresentada. Essa interferência é direta no processo de aprendizagem e/ou desenvolvimento da

criança que apresenta dificuldades. Durante o processo de intervenção, o primeiro passo é compreender o problema para então explicitá-lo e depois, por fim, corrigi-lo. Entre outras ações, temos como intervenções psicopedagógicas uma fala, um assinalamento, uma interpretação que o psicopedagogo realiza.

Entende-se que o não aprendizado possui origens diversas, mas diante das dificuldades de se fazer uma intervenção psicopedagógica, torna-se cada vez mais comum constatar que as escolas rotulam e condenam esse grupo de alunos à repetência, como também os colocam sob constante pressão, com adjetivos de alunos “sem solução”.

Qual o professor que não quer que os seus alunos acertem sempre? O correto é que esse professor mude a forma de ver o erro de seu aluno durante o processo de aprendizagem, pois pensa-se que o erro é um indicador de como o aluno está pensando, esquematizando e compreendendo o que foi ensinado. Não o só o psicopedagogo, mas também o professor precisa analisar com mais atenção os erros dos alunos, para então reformular as práticas docentes de modo com que se aproximem da necessidade real dos alunos. Não se deve perder de vista que o professor deve buscar as causas do fracasso escolar, focando-se na busca por soluções alternativas que visem o fim, ou pelo menos a amenização, dos problemas citados. O papel do professor, com uma visão psicopedagógica, deve ser o de um investigador dos processos de aprendizagem, evitando, portanto, um fracasso escolar acentuado.

Alicia Fernandez defende que o principal método de intervenção é o jogo. Lembra-se que não o seu resultado, mas sim os meios que o jogador utiliza e constrói para chegar ao seu fim. Sem dúvida o jogo é maneira mais apropriada para se alcançar, ou pelo menos se aproximar, do esquema mental da criança analisada, visto que o jogo, através de suas simbologias, faz com que ela se manifeste em fazer o que pode ser partilhado com o outro, ressignificado e transformado. Através de jogos, é possível trabalhar a afetividade e o social, desenvolvendo assim a criatividade.

Portanto, entende-se por intervenção psicopedagógica todas as estratégias que visam à recuperação, por parte das crianças, de conteúdos escolares avaliados como deficitários, ou seja, orientação de estudos, brincadeiras, jogos de regras representações teatrais dentro ou fora da escola, todas desde que com o objetivo de desenvolver o lado

afetivo, a alteridade e a personalidade de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem.

## **2 - Afetividade, cérebro e educação**

Todas as memórias e lembranças dos alunos acontecem através de atividades cerebrais, então nada mais justo que aprender um pouco sobre a máquina motora da aprendizagem que é o cérebro. Tudo que envolve a aprendizagem, a educação de um modo geral depende fundamentalmente do desenvolvimento do cérebro, que se molda ao entrar em contato com estímulos externos ou do ambiente, variando conforme o contexto.

Partindo do princípio de que a aprendizagem é o processo pelo qual o cérebro reage aos estímulos do ambiente, esses estímulos ativam as sinapses, tornando-as mais intensas. São essas mesmas sinapses os elementos constituintes dos circuitos que processam informações e as armazenam. Portanto, o processo de aprendizagem é o ponto de contato entre a educação e a neurociência, visto que é elemento constituinte da educação em si e também da neurociência por da questão dos estímulos, sinapses e do cérebro.

É através dos estudos da neurociência que o aprendemos como o cérebro trabalha quando falamos em aprendizagem, o que ele realmente aprende, o que ele lembra, como ele reage aos estímulos, enfim o que realmente é importante dentro de um dado processo para um determinado sujeito. E muitos são os fatores que podem causar variações.

Os estudos referentes à neurociência fazem uso de vários métodos de pesquisa afim de relacionar a máquina cérebro com aspectos cognitivos fundamentais para a educação e é através desses estudos que a psicopedagogia adquire ferramentas importantes para habilitar seu profissional a realizar diagnósticos mais precisos e precoces de alguns transtornos de aprendizagem.

De fato, o processo de aprendizagem também tem uma carga bastante importante de afetividade, sendo assim nos emocionamos a cada instante do aprender. Não há razão sem emoção, conhecimento sem coração. Outros fatores importantes no



processo de aprendizagem é a autoestima, a moral e a ética, juntamente com o contexto social vivido pelo sujeito.

Muito importante para o entendimento claro desse tema é fazer uma diferenciação bem nítida entre ensino e aprendizagem. O ensino é como se fosse um método, a maneira como um conhecimento é transmitido, mas não quer dizer que haja aprendizado. O aprendizado, por sua vez, é um processo interno, biológico, que se dá de dentro para fora. A compreensão dessa diferença é fundamental para a realização de um bom trabalho por parte do psicopedagogo.

O processo de aprendizagem é individual e independente. E justamente por ser individual e independente ele diferente em cada aluno que compõe uma classe e o professor deve se atentar para essa questão para que não inverta seu papel e se torne um agravante do distúrbio de aprendizagem de alguém. É preciso estar no mesmo passo, dançando a mesma música. A grande questão é estar dentro de uma discoteca onde tocam 30, 40 músicas diferentes ao mesmo tempo, por isso que o trabalho do professor é árduo.

### **3 - As hipóteses e propostas de intervenções**

A partir da análise do filme, constata-se que Ishaan apresenta dificuldade no processo de alfabetização por não ter internalizado alguns dos pré-requisitos. Tudo isso, é claro, por conta da dislexia. Certamente foram as repetidas falhas no início desse processo de alfabetização que levaram o menino a apresentar toda essa insegurança em realizar as tarefas e conseqüentemente a dificuldade acentuada no aprendizado. Tendo em vista os pré-requisitos para a alfabetização propõe-se buscar situações que envolvam a criança como um todo, visando o desenvolvimento do seu Sistema Funcional da Linguagem. Sendo esses pré-requisitos:

“[...] o desenvolvimento de aspectos como a coordenação motora ampla, coordenação viso-motora, imagem e esquema corporal, orientação espacial, ordenação temporal, percepção auditiva e visual das operações cognitivas - como a atenção, observação, concentração, memorização, classificação,

ordenação e análise-síntese — e da linguagem oral, deve constar dos objetivos a serem alcançados” Scavazz, 1983, p.34

Assim sugerimos para intervenção as seguintes atividades e atitudes para o auxílio de suas dificuldades:

Primeiramente, o professor deve mostrar sempre como ele, o aluno com dificuldades (neste caso Ishaan), é capaz de descobrir e criar caminhos para chegar onde deseja. Estar sempre buscando e propondo atividades que gerem o desejo e o desafio, como um jogo. Procurar trabalhar mais a simbolização, início meio e fim de uma história, lateralidade, ordenação e a organização espacial. Sempre visando atividades mais lúdicas e práticas a fim de incentivar, estimular, internalizar e possibilitar uma vivência desse processo de aprendizagem.

Para Cortez (1996) “O lúdico é essencial para o crescimento saudável e harmônico das crianças” entretanto, no cotidiano escolar ainda há a necessidade de ampliar o uso desta ferramenta principalmente com os menores (crianças). Compreendemos que realizar dinâmicas, jogos ou atividades lúdicas na prática cotidiana escolar é bem difícil e complicado, mas muito importante para o aprendizado dos educandos. Rubem Alves (1981) já dizia que a escola deve ser uma instituição do lúdico e do prazer, ou seja, um lugar agradável de frequentar, de estar e de aprender, porque quebra a rotina. Assim o lúdico é transgressor e desafia o sistema escolar para beneficiar os alunos. É importante ressaltar que o jogo não pode ser utilizado apenas na tentativa de levar o lúdico para dentro da sala de aula e de tornar as aulas mais agradáveis, e sim com o intuito de fazer com que a aprendizagem torne-se algo mais fascinante e dinâmico. Além disso, as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o aluno a enfrentar situações conflitantes relacionadas ao seu cotidiano.

Fica também a sugestão de desenvolver não só com um disléxico, mas ao longo das aulas como: contação de histórias simbólicas, atividades que envolvam 3 características, como “quebra-cabeça, memória e mosaico, trabalhando assim a capacidade da criança de modificar e criar relações, envolvendo o processo de simbolização em que a criança codifica e recodifica os elementos. São, em sua maioria, exercícios de transferência, onde a partir de um modelo dado a criança constrói um novo, obedecendo aos critérios estabelecidos ou criando os próprios critérios.

Não se pode perder de vista que criança deve ter liberdade de criar seus próprios meios de executar a tarefa pedida, mas sempre respeitando alguns limites para que o trabalho possa ser aproveitado. Como bem se sabe, a criança tem sua própria linguagem que deve ser explorada, mas respeitada, de forma que ela se expresse de forma espontânea. Quando a situação de comunicação se dá assim, abre-se um leque a ser trabalhado pelo psicopedagogo.

Desse modo, cabe ao professor encaminhar um processo de ensino significativo e prazeroso, promovendo atividades que possam contribuir para estimular e ajudar os alunos na compreensão dos conceitos. Segundo os PCNs, ao sugerir novas propostas de ensino ao aluno, ele passa a entender a ciência como uma construção histórica e como um saber prático, sem levar em consideração um ensino fundamentado na memorização de definição e classificações que não fazem sentido para ele. (Brasil, 1998).

“Somente ao relacionar-se com o saber, interar-se com o conhecimento é que pode se compreender o significado da aprendizagem. A sala de aula deve ser um espaço de confiança, de liberdade (sem libertinagem, mas com limites), de conteúdos interdisciplinares, de inclusão dos diferentes, de aceitação do novo e de afetividade. É nesse espaço de interação que a aprendizagem irá ocorrer.” (Fernández)

“O sucesso escolar está na realização de um trabalho com prazer. (...) Jogar em sala de aula proporciona momentos ricos em interação e aprendizagem, auxiliando educadores e educandos no processo de ensino e aprendizagem. O conhecimento é a apropriação do objeto de conhecimento, através das constantes interações entre criança, meio e objeto de conhecimento.” (Tezani)

“O trabalho deveria ser mais lúdico. Por sua vez, o lúdico, pelos valores que acarreta, deveria ser encarado como importante fator na realização humana. Na atividade lúdica sempre se está jogando com a ausência e o simbólico.” (Olivier, 1999, pg. 29)

Ao trabalhar com o lúdico devemos sempre tomar cuidado para não prejudicar a espontaneidade do jogo e torná-lo apenas uma estratégia para aquisição de conhecimento.

## 2.1. – Diagnosticando a dislexia

Em primeiro lugar, os sintomas da dislexia se confundem com os das demais dificuldades de aprendizagem, logo não se pode fechar o diagnóstico antes de ser feita

uma análise por uma equipe multidisciplinar formada por médico, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo e o que mais se fizer necessário. Assim sendo, como proceder?

Os primeiros especialistas a serem consultados são os psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos, que farão uma análise ou investigação profunda da situação do paciente (análise essa que envolve os pareceres da escola e da família e o histórico evolutivo do problema). Sendo necessário, serão chamados médicos neurologistas, oftalmologistas e qualquer outra especialidade que a equipe achar necessário. O diagnóstico deve ser feito com cautela e precisão, pois um erro pode causar danos sérios ao paciente, visto que algumas dificuldades de aprendizagem implicam, por exemplo, o uso de medicamentos pesados como a ritalina.

Não se pode perder de vista que existem casos de deficiência, e não de dificuldade, como atrasos cerebrais, cegueira (parcial ou total), surdez (parcial ou total), distúrbios psicológicos e/ou neurológicos que tem sua origem anterior à queixa de fracasso escola. Faz-se muito importante também estabelecer que sintomas que vêm antes e que sintomas vêm depois da queixa. Há casos em que os sintomas são reflexos da dislexia e outros que são causas dela.

Após o diagnóstico, o responsável pelo acompanhamento do caso ganhará tempo, pois não precisa mais identificar o problema, tendo sua conduta posterior balizada pelos pareceres realizados pela junta médica interdisciplinar. Tendo conhecimento do potencial, das habilidades, das dificuldades e das particularidades do indivíduo, o profissional pode decidir com melhor clareza a linha de tratamento a ser seguida para que então os resultados possam ser alcançados de forma paciente e gradativa. Destaca-se a vital importância do trabalho conjunto entre paciente, profissional e família, visto que as trocas de experiências são, por vezes, pontos-chaves para que o tratamento seja eficaz.

Apenas como exemplo, colocam-se, a seguir, três exemplos de exercícios a serem praticados com um disléxico. No filme, também, há sugestões importantes dadas pelo personagem do professor Nikumbh.

Na primeira imagem, a proposta de exercício tem como objetivo auxiliar o disléxico em sua dificuldade em identificar letras parecidas, sintoma recorrente em

casos de dislexia. O que parece ser uma proposta simples, para o disléxico é uma tarefa árdua, mas que aos poucos vai sendo superada. Em cada linha, há dois trios de letras repetidas. A proposta é identificar e circular, em cada linha, o trio que se repete. O segundo exercício são quatro quadros onde estão espalhadas letras embaralhadas. O objetivo é conseguir identificar, dentro de cada caixa, a letra pedida em cada enunciado. O último exercício tem como objetivo trabalhar a lateralidade, visto que o enunciado pede que seja desenhado o chapéu do Mickey na posição pedida em cada figura.

Faz um círculo nos conjuntos de letras que são iguais em cada fila!

dgp gdp pdg dpg gpd dgp pgd  
 aeo eoa oea oae aoe oae eao  
 uvw vuw wvu wuv vuw uwv vwu  
 pqg pgq qgp gpq pgq qpg gpq  
 tlf lft ftl fit tfl lft ftl  
 mnw mwn nmw wnm nwm wmn wnm  
 xyz zyx xzy yxz yzx zxy xzy  
 ace aec cea eac eca eac cae

Low Design 2007

Faz um círculo em todas as letras b

D b g B p G q d B b d g P q Q d  
 b p D q P p d g b g d p p q b b

Faz um círculo em todas as letras d

g b d g P q Q d b g d p p q b p  
 D q B p D b q d B P p G d g b b

Faz um círculo em todas as letras p

q d B b d g P q Q d b p D q d p  
 G D b g B p g b P p g d p q b b

Faz um círculo em todas as letras g

g d p p q B b d g D p d g b P q  
 Q d b p D b B p G q q P g d b b

Low Design 2007

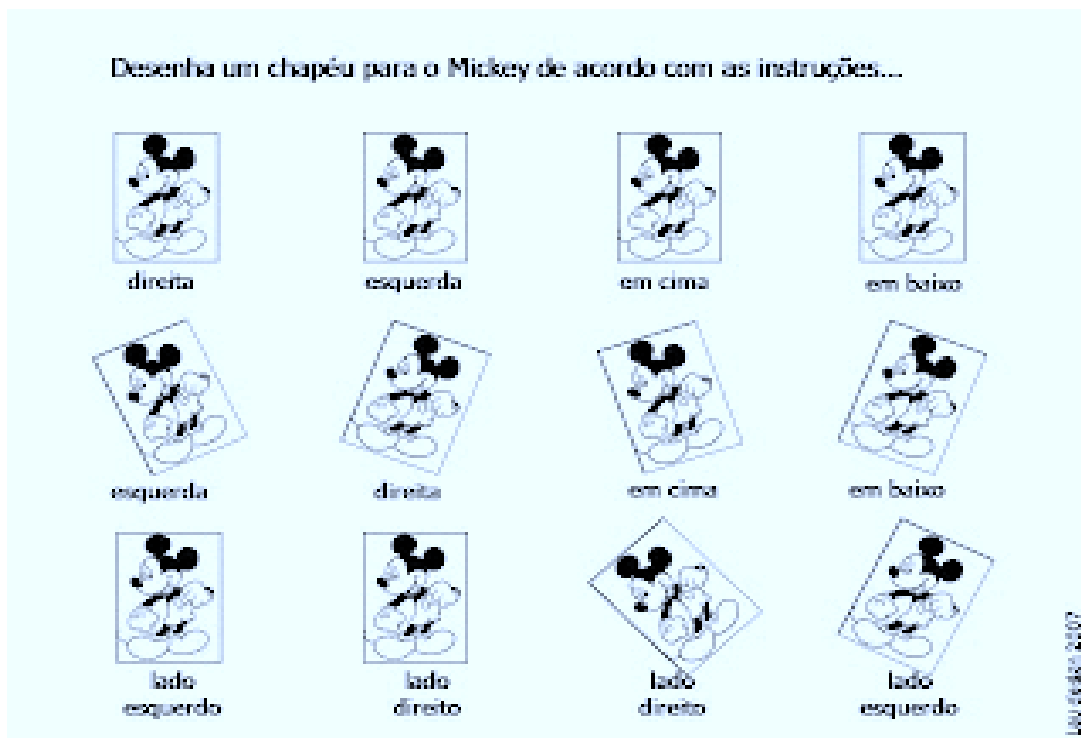


Fig. 1,2 e 3 (fonte: [www.espacodislexia.blogspot.com.br/search/label/Recursos%20para%20Disl%C3%A9xicos](http://www.espacodislexia.blogspot.com.br/search/label/Recursos%20para%20Disl%C3%A9xicos))

## CONCLUSÃO

Como foi dito neste trabalho, muitos são os alunos com dificuldades de aprendizagem. Estima-se que entre 10% e 15% dos casos de dificuldades de aprendizagem são diagnosticados como dislexia. Porém, os professores estão aptos a trabalhar com esse perfil de aluno? Primeiramente, estão aptos a identificar que possuem alunos com esse perfil? A resposta infelizmente é negativa.

O mais comum de acontecer é vermos esses alunos rotulados, erroneamente, como incapazes, relapsos, rebeldes, insolentes, preguiçosos, às vezes até mesmo como alunos especiais. Porém, balizado Howard Gardner, o proposto aqui é que esses alunos não devem ser tratados assim, visto que por mais que possuam dificuldades, também possuem qualidades, talentos que devem ser aproveitados e estimulados, e não desprezados. A cultura de que o aluno que aprende é o que tira nota dez na prova já deveria ter se tornado obsoleta em favor de novos métodos avaliativos que melhor explorem as reais qualidades e os reais aprendizados do alunado de um modo geral.

Por fim defendeu-se também que a questão da afetividade deve ser trabalhada com igual afínco. A afetividade, o ato de se emocionar na aprendizagem, a relação mais próxima com o perfil de aluno estudado neste trabalho é de vital importância para que esse aluno não se deixe abater pelos sucessivos insucessos escolares pré-tratamento. É a afetividade que mantém os alunos estimulados, vívidos, dispostos a enfrentar suas dificuldades de frente.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Kátia Regina Escobar de; NETO, Diva Carlos Neto e. O olhar e a escuta psicopedagógica na prática institucional. In: **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, vol. 18, n. 47,1999, p.39-43.

ALVES, Rubem. **A utilidade e o prazer: um conflito educacional**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1981.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília, DF: MEC, 1998.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. Porto Alegre: Artmed, 1986.

CORTEZ, Renata do Nascimento Chagua. **Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola**. Motriz – Revista de Educação Física – UNESP – Rio Claro, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 1-9, jun. 1996. Disponível em: <[http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1\\_ART01.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART01.pdf)> Acessado em dezembro de 2009

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 1990. Citado In: TEZANI, Thais Cristina Rodrigues. **O Jogo e os Processos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Aspectos Cognitivos e Afetivos**. Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsico38.htm>> Acessado em: dezembro de 2009

FINI, L. D. T. (1996). Rendimento Escolar e Psicopedagogia. In: SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de; BRENELLI, Rosely Palermo (Orgs.). **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar**. Petrópolis RJ: Vozes. In: CARVALHO, Maria Salete Corrêa. **O Educador diante da complexidade do processo de ensino e aprendizagem**. Disponível em:



<<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-educador-diante-da-complexidade-do-processo-de-ensino-e-aprendizagem-1282883.html>> Acessado em dezembro de 2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

GONZALEZ. **La Dislexia. Estado Actual de Nuestros Conocimientos Neurológicos Y neuropsicológico.** In Revista Neurológica nº 24: 31-39. Barcelona. 1996

GORMAN, Christine. **The new science of dislexia.** In.: Revista Time, Julho de 2003.

LUCCI, Elian Alabi. **É difícil ensinar.** Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur8/ensinar.htm>> Acessado em: junho de 2010

OLIVER, Lou de. **Distúrbio de aprendizagem e de comportamento.** 5ªed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2010.

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. **Lúdico e Escola: entre a obrigação e o prazer.** In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lúdico, educação e Educação Física.** Ijuí, UNIJUÍ, 1999.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** 3ªed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.** 2ªed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2010.

SCAVAZZA, Beatriz Leonel. **Desenvolvimento dos Pré-requisitos para a alfabetização na Escola.** In: BRASÍLIA. **Anuais do Seminário Multidisciplinar de Alfabetização.** São Paulo,

1983. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002492.pdf>>  
Acessado em julho de 2011

SILVA, Léa Maria da Paz. **Psicopedagogia Empresarial**: as possibilidades de atuação de um psicopedagogo numa empresa. Disponível em: <<http://www.profjoabeauclair.net/visualizar.php?id=1235591>> Acessado em: junho de 2011

SILVA, Rosangela Cristina da Silva. **Ser Educador**. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/ser-educador-2289/artigo/>> Acessado em: dezembro de 2009.

SILVEIRA, Tatiana dos Reis. **Ser Educador**. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/sereducador/>> Acessado em: dezembro de 2009

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento**: aspectos cognitivos e afetivos. Disponível em: <[http://brancasepretas.org/css/documentos/institucional/O\\_Jogo\\_e\\_os\\_Processos\\_de\\_Aprendizagem\\_e\\_Deenvolvimento.pdf](http://brancasepretas.org/css/documentos/institucional/O_Jogo_e_os_Processos_de_Aprendizagem_e_Deenvolvimento.pdf)> Acessado em junho de 2009

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**: Epistemologia Convergente. São José dos Campos, SP: Pulso, 2010

WEISS, M<sup>a</sup> Lucia Lemme. Avaliação e a instituição escolar. In: BOSSA, Nádia e OLIVEIRA, Vera (orgs.). **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos**. Petropolis, RJ: Vozes, 1997

[www.dislexia.com.br](http://www.dislexia.com.br) Acessado em: junho de 2011

[www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br) Acessado em: agosto de 2012

[www.espacodislexia.blogspot.com.br/search/label/Recursos%20para%20Disl%C3%A9xicos](http://www.espacodislexia.blogspot.com.br/search/label/Recursos%20para%20Disl%C3%A9xicos) Acessado em: fevereiro de 2012